

sono interveio, interrompido por chuviscos de espuma que lhe espetavam o rosto e lhe deixavam os traços fisionômicos entesados...

Quando acordou completamente já era dia, um dia cinza-claro, fresco, e o mar verde estava mais calmo. Na hora da primeira refeição, viu novamente o jovem comerciante que corou violentamente, com certeza de vergonha por ter dito, na escuridão, coisas tão poéticas e comprometedoras; alisou, com todos os cinco dedos seu pequeno bigode avermelhado e gritou-lhe um bom dia militar e curto, evitando-o depois, assustado.

E Tônio Kroeger desembarcou na Dinamarca. Chegou a Copenhague, deu gorjeta a todos que insinuavam ter direito a ela, passeou durante três dias na cidade, tendo como ponto de partida o seu hotel, segurando na mão seu guia turístico aberto em sua frente; conduziu-se como um estrangeiro distinto que deseja aumentar seus conhecimentos. Observou o Neumarkt do rei com o "cavalo" no centro, olhou com respeito para os pilares da Frauenkirche, parou longo tempo em frente das nobres e graciosas esculturas de Thorwaldsen, subiu à Tôrre Redonda, visitou castelos, divertiu-se duas noites no Tívoli. Mas, realmente, não era bem tudo isso o que via.

Nas casas, que muitas vêzes tinham exatamente a aparência das velhas casas de sua cidade natal com cumeeiras arqueadas e rendilhadas, via nomes que lhe eram familiares de velhos tempos, que lhe pare-

ciam indicar algo delicado e precioso e ao mesmo tempo uma espécie de repreensão, encerrando queixas e saudades. E por tôda parte, enquanto respirava, vagaroso e pensativo, o úmido ar marinho, via olhos tão azuis, cabelos tão louros, rostos precisamente daquele tipo que vira nos seus sonhos estranhamente dolorosos e penitentes, os quais tivera na noite que passara em sua cidade natal. Acontecia que, em plena rua, um olhar, o som de uma palavra, um riso, o atingia profundamente...

Não tolerou ficar por muito tempo na alegre cidade. Sentia uma inquietação, doce e tôla, meio lembrança e meio expectativa, unido ao desejo de estender-se nalguma praia silenciosa e não precisar fingir-se de turista interessado. Assim, embarcou de novo e seguiu num dia triste (o mar estava negro) para o norte, ao longe da costa da Zelândia para Helsingör. De lá continuou sua viagem, sem demora, por carro e pela estrada, durante mais três quartos de hora, sempre um pouco acima do mar, parando por fim, no seu destino pròpriamente, no pequeno hotel balneário com venezianas verdes que ficava no meio de uma vila de casinhas baixas, o qual olhava, com sua tôrre coberta de madeira, sôbre o Estreito e a costa sueca. Aqui desceu, tomou posse do quarto claro, que tinham reservado para êle, encheu a cômoda e o armário com coisas que trouxera e preparou-se para viver durante algum tempo neste lugar.